

O segredo do sino

CMP 1.2.2.125-1

LUZIA PIMENTEL

ATO I Cenário

O alto, escuro e quase noturno salão de uma fundição. A luz, penetrando por pequenas janelas no alto de uma parede, ilumina suavemente um forno semelhante a uma grande lareira, algumas armações de ferro escondem sinos semiprontos e, num canto, enterrado no chão, ferve uma espécie de fogo líquido dentro de um cadinho, aquecido por um forno subterrâneo cujo barulho se assemelha à respiração de um animal grande. O chão é de terra misturada com areia.



Personagens

Fernando Lucas Angeli, proprietário da fundição e herdeiro do segredo do sino. Homem claro, robusto, silencioso, com um brilho de poeta no olhar e a capacidade de transmitir uma sensação de energia e segurança. Angelo Angeli Neto, "Lino", irmão mais velho de Fernando, com quem se parece fisicamente, possuindo, entretanto, a fisionomia mais jovem e o temperamento mais extrovertido. Três operários, magros, quietos e donos de movimentos cheios de extraordinária precisão e segurança.

Fernando: O que está fervendo naquele cadinho é o cobre. Misturado com o estanho, ele se transforma em bronze, o metal usado para fundir os sinos, por causa da sua alta sonoridade. Nossa fórmula de fundição é muito antiga e leva 80% de cobre e 20% de estanho. Existem outras proporções, mas sempre com estes dois metais. Aquela história, que antigamente os padres contavam aos fiéis, segundo a qual na fundição dos sinos entrava muito ouro, não era totalmente verdadeira. O ouro se destinava à compra dos metais, pois não é um metal sonoro e, por isso, de nada adianta fundi-lo junto com o co-

bre. Hoje, entretanto, o estanho está custando quase o preço do ouro. É difícil de ser encontrado e tem que ser adquirido das multinacionais. (Encaminha-se para uma pilha de lingotes de estanho, semelhantes a tijolos prateados. Pega um deles com uma pinça bem longa e o pesa em uma balança, fazendo nele a marca correspondente aos 20% necessários à mistura de cobre. Mergulha-o no cadinho, onde ele derrete até a parte marcada.) Bom, vamos fundir primeiro o badalo. Cuidado, que esta mistura espirra fagulhas. (A forma do badalo já está pronta, colocada dentro de um caixote pequeno. Dois empregados despejam pouca quantidade do líquido na abertura do caixote e devolvem o cadinho ao forno. Fernando se aproxima, mexe a mistura com uma espécie de espeto comprido e algumas fagulhas se espalham. De repente os empregados se afastam. Reina o mais absoluto silêncio e se pode ouvir claramente o estalar do bronze e a respiração do forno. Algum ritual parece prestes a começar. Fernando se aproxima do cadinho, segura o recipiente com uma pinça bem longa e o retira do forno. Silenciosamente e com toda a segurança, dois empregados se aproximam e passam uma trave pelas alças do cadinho, ajudando a transportá-lo

até um buraco no chão. Fernando inicia e dirige toda a operação de derramar o líquido no buraco.)

Lino: Praticamente, a fundição do sino pode ser dividida em três partes: a fabricação do "macho", que é uma peça montada com tijolos comuns e revestida com uma espécie de barro fino, composto de massa de areia, saibro e esterco de cavalo. Depois vem o "falso sino", confeccionado com esta argamassa anterior, recoberta de sebo. Se a peça encomendada levar adornos ou letras, estes serão pintados no "falso sino" com tintas misturadas a saibro, tijolos moídos e claras de ovos. Por último, temos a "capa", uma camada do barro já mencionado, reforçada com arames e cuja espessura deve ser proporcional ao tamanho e ao peso do sino. O "falso sino" é a

parte que recebe o bronze líquido. O sebo derrete-se e desaparece, deixando espaço para o metal que, fundido, ocupa todos os detalhes, inclusive as letras e ornamentos. Geralmente, os sinos grandes são feitos enterrados no chão, para haver melhor fixação. Outros são feitos um pouco acima da terra, mas sempre com uma parte enterrada. Conforme o tamanho da peça é o tempo que ela demora para ficar pronta. Por exemplo, um sino de 100 kg só será desencapado, isto é, só será retirado do "sanduíche de barro" três dias depois de o bronze ter sido despejado. Quando se quebra a capa de barro, o sino aparece já em bronze fundido. Mas não aparece bonito. É escuro e sujo de terra. Só depois do acabamento e de polido é que fica pronto para ser entregue.

Badalando através dos tempos

Bonito ou não, o sino parece ter sido um dos primeiros meios de comunicação entre os homens, servindo para transmitir

diversos tipos de mensagens, emoções e, principalmente, para unir as pessoas. Sua origem se perde na antiguidade e a primeira referência feita a ele vem da China, há 3.000 anos, quando os mercadores o teriam utilizado para atrair fregueses nas feiras públicas. Também em Burma, na Índia, no Egito e no Japão ele aparece nesta época, só que usado para unir rebanhos. O sino colocado no pescoço de um animal atraía os outros por fazer um barulho parecido com o de um filhote mamando. Na Grécia clássica, os sinos são mencionados nas obras de Aristófanes e Eurípedes e, em Roma, nas de Ovídio, Tibulus, Marcial e Plutarco.

Os exemplares mais antigos datam de 612 a.C. e foram encontrados em escavações realizadas no local onde existiu a cidade de Ninive. Nas ruínas de túmulos pré-incaicos foram achados sinos de aproximadamente 500 a.C. E, se os modelos destas épocas eram mais ou menos semelhantes nas diversas localidades, com o passar do tempo, o formato do sino tomou direções diferentes. No Oriente, passou a se parecer com um pote e depois com uma barrica, enquanto que no Ocidente sua forma se aproximava mais da de uma xícara.

Entretanto, a origem parece ter sido uma só: um disco de metal — como o de um gongo — batido no mesmo lugar até tomar a forma convexa. No Oriente, durante muito tempo, foi conservado o costume de se bater o sino com um martelo, pelo lado de fora. Só no Ocidente o sino passou a ter badalo, como contam os relatórios do reverendo Gregório de Tours no ano de 585.

..O sino antigo mais semelhante ao moderno deve sua criação a Paulinus, bispo de Nola, na região de Campânia, Itália, que, por volta do ano 400, mandou pendurar no alto da torre da sua igreja "um caldeirão de bronze, de cabeça para baixo, para ser tocado como um sino". Daí teria derivado o nome de "campana" e "campanário", pelo qual foi designado o sino, durante a Idade Média, "nola" ou "clocca", que resultou no irlandês "glog", no francês "gloche", no inglês "clock" e no alemão "glocke". Em 752, o Papa Stefano III mandou erigir um "campanae" com 3 sinos na Igreja São Pedro, em Roma, e entre os primeiros escritores latinos, Joannes Beletus menciona o uso de um "tintinabulum" nos dormitórios e refeitórios dos conventos e de um "signum" nas torres (de onde, conclui a Enciclopédia Britânica, ter-se-ia derivado a palavra "sino" da língua portuguesa).

A ligação do sino à religião conferiu-lhe uma enorme importância, passando a fazer parte da liturgia cristã a partir do século VI, quando então seu uso já estava divulgado na Espanha e França, além da Itália. No século IX, cada paróquia européia possuía pelo menos um e, no século XI, era ele tocado em toda a Europa para convocar aos cultos.

Se havia competição entre as paróquias ou cidades, esta era logo visível pelo tamanho do sino que ostentavam. Sino era

sinal de poder econômico, pela quantidade de metal que continha. Tanto, que até hoje os sinos mais famosos são considerados pelo seu tamanho e não pela pureza do som que produzem. Entre os "grandes" podemos citar: em Moscou, no Kremlin, o "Tsar Kolokol" (o rei dos sinos), fundido em 1733 e pesando 193 toneladas. Nunca foi colocado na torre. Em 1737, um incêndio destruiu sua base, ele caiu, quebrou-se, perdendo um pedaço de 11 toneladas num dos lados. Ainda na Rússia: o sino de Trotskoi, de 171 toneladas, e o sino de Moscou, com 110 toneladas, ambos em funcionamento. Em Pequim, 53 toneladas; em Nanquim, 22 toneladas; em Viena, 17 toneladas; na Catedral de Notre-Dame, em Paris, 17 toneladas; na Catedral de Saint-Paul, em Londres, 16 toneladas; o "Sino da Independência", de Filadélfia, com 6 toneladas, o "Big Ben" da Catedral de Westminster, em Londres, rachado, com 13 toneladas, e o "Wanamaker" ou "Sino dos Fundadores" de Filadélfia, com 17 toneladas.



Fernando e Lino, herdeiros de uma fórmula secreta e capazes de moldar o metal com amor.

ATO II Cenário

O escritório da Fundação Artística Paulista, R. Iraí, 1787, uma das únicas fundições brasileiras especializadas em sinos. Sala pequena, simples, com algumas cadeiras, uma mesa e um cofre antigo. Nas paredes, os diplomas das exposições, de que a fundição participou. Fernando e Lino contam como a fórmula secreta de fundir sinos chegou à família Angeli há mais ou menos 300 anos.

Fernando: Nossa família trabalha na fun-

dição de sinos desde 1770, na Itália. Talvez até tenha começado antes, mas só temos documentos a partir desta data.

Lino: Por volta de 1682 houve um cônego, Luiz Angeli, e talvez tenha sido ele quem trouxe a fórmula para a família. Sabe-se apenas que ele dava aulas de Teologia e Direito Canônico em Florença. Nós somos originários de Pescia, uma cidade entre Luca e Florença, a região onde proliferaram as artes e artesãos.

Fernando: É preciso explicar exatamente o que é o segredo do sino: cada sino tem que produzir um certo som para poder compor um carrilhão e tocar melodias. Este som é dado pelo tamanho e espessura da peça e o diâmetro da boca. Esta

Do governo brasileiro

Uma igreja que quase ficou sem seus sinos foi a matriz de São Bento, em São Paulo. Eles foram fundidos na Baviera, em 1913, quando começou a Primeira Guerra Mundial. Os sinos estavam na praça da cidade de Lauingen, esperando transporte, quando foram requisitados pelo governo alemão para ser transformados em armas. Só escaparam porque, imediatamente, o Núncio Apostólico de Munique, monsenhor Aversa, declarou-os propriedade do governo brasileiro.

Os cinco sinos de São Bento são muito valiosos e famosos porque foram fundidos sob direção de dom Suilbert Kralmer, monge que inventou um diapasão para medir as vibrações e verificar os sons do bronze.

Fernando: Por estar tão ligado às emoções humanas, o sino inspirou muitos poetas e escritores, entre eles Raul Maranhão, Olavo Bilac, Aloísio de Castro, Mário de Alencar, Alberto de Oliveira e Manuel Bandeira. Entre os estrangeiros, Charles Dickens e Edgar Allan Poe. Mas, na minha opinião, quem melhor escreveu sobre ele foi Schiller, o famoso poeta alemão que fez "Das Lied von der Glocke" ("O canto do sino"). É o poema da vida. Conta como o som do sino acompanha o ser humano desde que ele nasce até a sua morte, anunciando sempre os momentos importantes. Schiller se inspirou, para fazer esta poesia, numa visita à fundição Rudolstadt e a publicou 10 anos depois, em 1800, no último número do "Almanaque das musas". É incrível como ele consegue narrar fielmente o processo de fundição, entremeado com as mudanças que o destino causa na vida das pessoas. Fala até sobre aspectos um tanto místicos e quase secretos do processo de fundir. Escreve sobre a oração que o mestre fundidor faz quando despeja o bronze na forma. Não sei como ele ficou sabendo disso, porque é uma fórmula secreta e só quem herda o segredo do sino sabe o que deve falar. É como uma bênção que o metal recebe. Como se a gente dissesse a ele "Vai com Deus... vai com Deus", só que com outras palavras. Depois de pronto, o sino tem sua bênção própria, proferida pelo padre, antes de ser pendurado na torre. Mas, a primeira bênção, informal mesmo, é o fundidor quem dá. Se dá certo fundir sem ela? Não sei. Nunca tentei. Sabe como é... Há muito dinheiro investido no metal. Se algo der errado, a perda é muito grande. E qualquer rachadura na forma pode fazer com que o bronze escorra para a terra. Aí então, tudo está perdido. Por isso, é preciso não arriscar. É preciso contar com Deus trabalhando do nosso lado.

Da fusão do cobre com o estanho à derrama na forma e ao polimento, o sino vai passando por várias fases, assumindo sua forma e, o que é mais importante, passa a produzir um som puro e melodioso.

proporção exata se consegue com a "costela", uma armação de madeira onde são graduados os sons e o diâmetro, a altura e a espessura do sino. Com a "costela" preparam-se as primeiras fases da fundição. Por exemplo, pela nossa fórmula, um sino com o som de sol só pode ser conseguido com aproximadamente 50 kg, 500 kg ou 5 000 kg e diâmetros proporcionais. Segundo a tradição das famílias fundidoras da Itália, apenas o filho mais velho herda a "costela". No meu caso foi diferente. Herdei e sou o filho mais novo. Mas é que o Lino não se interessava muito por fundição, quando moço. Decidiu ser pescador durante algum tempo... Então nosso pai achou que eu tinha o dom e passou a "costela" para mim. Dizem que

não dá certo deixar o segredo para todos os filhos e, na Itália, houve até casos de morte entre irmãos por causa de uma "costela".

Lino: É interessante notar que a nossa "costela", apesar de italiana, tem muita semelhança com a que foi usada pelos alemães pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Temos um catálogo em que ela aparece juntamente com os sinos encomendados por Hitler. Contam que ele era um fanático por fundições e mandava fazer sinos imensos, os quais, depois, foram transformados em canhões. Aliás, o metal que funde o sino é tão valioso que, em caso de guerra, quase sempre é requisitado pelo governo para ser refundido em equipamento bélico.

A Estrela de Belém



Giovanni Battista Tiepolo — "Adoração dos Magos" — 1773